

Ginu

Lá na minha infância quando tinha por volta de 10 anos (em 1947) era frequente ir com minha mãe à casa de minha tia, irmã de mamãe.



Ela morava num sobrado na Av. Brigadeiro Luis Antonio, na subida antes, de chegar na Av. Paulista. Me lembro bem do bonde camarão, fechado que subia lentamente a avenida.

Passava em frente a casa de minha tia e o ponto de parada era próximo.

A casa de minha tia era um sobrado não muito grande, mas o terreno era enorme. Tinha um vasto jardim e outro tanto no fundo.

Na garagem ficava a oficina do meu tio que fabricava instrumentos cirúrgicos, e me fascinavam as máquinas de corte, furadeiras, tornos enfim todo instrumental usado nos hospitais.

Curiosos, eu e meu primo, às vezes, íamos à oficina e meu tio nos dava algumas poucas explicações sobre o que estava fazendo.

Era uma produção artesanal onde cada peça era produzida individualmente.

Para mim, entretanto, o maior interesse era ir até o quarto da Ginu e conversar com ela.

Ginu era uma negra velha, gorda com seus 80 a 90 anos, ex-escrava que não sei porque morava na casa de minha tia num quartinho, na parte de baixo do sobrado.

A Ginu não era de muita conversa.

Era difícil tirar informações sobre sua vida como escrava.



Minha curiosidade era justamente saber o que era ser escrava, pois não sabia nada sobre escravidão.

Eu perguntava onde tinha nascido, onde morava, o que fazia, mas ou ela não se lembrava ou não queria falar.

Ginu fumava um cachimbinho e era comum vê-la picando fumo e cantarolando músicas desconhecidas, talvez cantadas em sua língua original que eu nada entendia.

Enfim são imagens da minha infância que me fascinam, pois são vivas as lembranças da casa, dos bondes, do jardim grande e da velha escrava Ginu.

Celso V. Machiaverni

Visitem meu blog <http://cronicasdomac.blogspot.com.br/>